

O relato de viagem e a historiografia literária sobre o Brasil: incursões colonizadoras

The travel story and literary historiography about Brazil: colonizing incursions

Juliano Fabrício de Oliveira Maltez¹

Resumo

*Pretende-se analisar a incursão cultural no Brasil pelo Império Austríaco na década de sessenta, oitocentista. No livro *Narrative circumnavigation of the globe by the Austrian frigate Novara* [A narrativa de circumnavegação do globo pela fragata Novara] (1861), de Karl Scherzer (1821-1903), como também a *História da Literatura Nacional Brasileira* (1862), de Ferdinand Wolf (1796-1866), refletem as ambições “civilizatórias” de uma nação que reivindicava para si o legado deixado por impérios anteriores, de um povo gerado no choque entre o romano cristão e as tribos germânicas (ANDERSON, 2004). Neste sentido, traçam-se algumas discussões do efeito político, econômico e cultural (SAID, 1995), de experiências imperialistas austríacas no Brasil (SAUER, 2012), e de como o relato de viagem e a historiografia literária tiveram êxitos distintos em suas imposições colonizadoras, sendo este rebatido por tudo que representava no campo estético e político, já aquele servindo para incitar um imaginário propício à migração.*

Palavras-chave: Colonização. Relato de viagem. Historiografia literária. Imigração e cultura austríaca

Abstract

*It is intended to analyze the cultural incursion in Brazil by the Austrian Empire in the sixties, nineteenth century. The travel account *The narrative of circumnavigation of the globe by the frigate Novara* (1861), by Karl Scherzer (1821-1903), as well as *História da Literatura Nacional Brasileira* [the History of Brazilian National Literature] (1862), by Ferdinand Wolf (1796-1866), reflect the “civilizing” ambitions of a nation that claimed for itself the legacy left by previous empires, of a people generated in the clash between the Christian Roman and the Germanic tribes (ANDERSON, 2004). In this sense, some discussions are drawn of the political, economic and cultural (SAID, 1995), effect of Austrian imperialist experiences in Brazil (SAUER, 2012), and of how the travel story and literary historiography had different successes in their colonizing impositions, this being reflected by everything it represented in the aesthetic and political field, which already serves to incite an imaginary conducive to migration.*

Keywords: Colonization. Travel report. Literary historiography. Austrian immigration and culture

Recebido em: 16/02/2020.

Aceito em: 30/04/2021.

¹ Universidade de São Paulo (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3220-7458>.

Introdução

Neste artigo, colocamos em discussão as ações culturais do Império Austríaco através da narrativa de viagem e da historiografia literária. Um projeto colonizador para o desenvolvimento populacional e para uma tradição literária conivente com os interesses econômicos e culturais austríacos. Ainda que reconhecida como uma potência antagonista de forças militares como Inglaterra e França, a atuação do último reduto Habsburgo, no campo diplomático e cultural, chegou a terras distantes da Europa Oriental.

Em passagens de *Narrative circumnavigation of the globe by the Austrian frigate Novara* (1861), de Karl Scherzer (1821-1903), e da historiografia literária, *História da Literatura Nacional Brasileira* (1862), de Ferdinand Wolf (1796-1866), investigamos termos de apreensão colonizadora. O relato de viagem, segundo Laura Rivas Gagliardi e Tércio Loureiro Redondo (2020), teria um discurso mais liberal e em consonância com aquilo que vinha sendo posto na política e na economia de países liberais. Já a obra historiográfica figura dentro de um cenário de produções sobre a literatura brasileira do século XIX² seguindo um paradigma conservador, de um projeto estético-romântico em declínio. Sobre esta segunda obra, contamos com uma bibliografia que possibilita entrar numa discussão já adiantada.

Como a biografia de Ferdinand Wolf escrita por Rudolph Beer (1898, p.5), podemos entender mais o lugar de fala de Wolf como homem ligado à Biblioteca da Corte Imperial e Real de Viena, preocupado com o desenvolvimento da poesia moderna: “estava intimamente ligada à poesia latina cristã, na qual as sementes da poesia folclórica e artística, tanto dos povos germânicos quanto dos românicos, mostravam-se presentes e efetivas”.

Entre os trabalhos recentes sobre Ferdinand Wolf no Brasil, referimos a Melo que observou distinção a esta historiografia, em compromisso com a monarquia de D. Pedro II (1825-1891):

um estímulo dirigido oficialmente pelo império brasileiro, quando se constata que a sua história literária foi elaborada sob os auspícios da “Sua Majestade o Imperador do Brasil”; havia, então, as mãos imperiais interessadas em direcionar os olhares europeus as nossas plagas, afastando-se, nesse sentido, do que acredito ser o caráter espontâneo que se prefigurou nos primeiros dizeres críticos estrangeiros (MELO, 2008, p. 78).

E propôs visualizar à ideia de “civilização” colonialista como produto da expansão das potências europeias, via romantismo apontado já por Bernardo Ricupero (2004), além da referência de Elias Tomé Saliba (1991) quanto ao pensamento romântico herderiano, como o uso do termo “gênio do povo”. Aliás, faz uma ressalva à falta da tradução do alemão: “há que considerar que possa gerar dúvida se os termos e idéias utilizados pelo autor realmente foram mantidos como no original” (MELO, 2008, p. 81). Para a análise que pretendemos aqui, conseguimos contar tanto com as passagens da tradução direto do alemão, resultados da tese de Gagliardi (2019), quanto com o curso oferecido pela Universidade de São Paulo, de Gagliardi e Redondo (2020).

² *História da Literatura Portuguesa* (1804), de Friedrich Bouterwerk (1765-1828); *Literaturas do Meio-Dia da Europa* (1819), de Simonde de Sismondi (1773-1842); *Resumo da História da Literatura de Portugal* (1825), de Ferdinand Denis; *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* (1826), de Almeida Garrett; *Repositório Literário* (1834), de Alexandre Herculano; entre outros. Visto em CÉSAR, 1978, p. IX-LVII.

À priori, concordamos que o texto de Ferdinand Wolf está em larga medida condizente com o projeto estético-político encaminhado pela monarquia brasileira, todavia, ainda não foram encontrados documentos que demonstrem essa tratativa do Governo em confeccionar uma história da literatura brasileira, por isso que se conjectura que o projeto cultural e político determinante no discurso do autor responde às pretensões do Império Austríaco:

Wolf, como ultraconservador, inverte os conceitos do liberalismo burguês com a finalidade de legitimar as relações feudais da Idade Média, o princípio monárquico, a sucessão dinástica, e também a supremacia do Império germânico num contexto europeu e além-mar (GAGLIARDI; REDONDO, 2020)³.

Em *Linhagens do Estado absolutista*, Perry Anderson confere algumas peculiaridades ao Estado austríaco: “ele se baseou de forma mais completa e exclusiva no princípio de organização dinástica do que qualquer outro da Europa” (ANDERSON, 2004, p. 299). No caminho histórico do século XV, a linhagem da família Habsburgo teria se desviado para o Leste da Europa, entre o mar Báltico e o Adriático, formando ali um Estado menos descentralizado e de sistema servil. Após perder seu vínculo com a região da alta România, a nobreza austríaca alcançou seu ápice militar entre 1683 até 1718, com a expulsão dos turcos e com o retorno ao Catolicismo Romano. Posteriormente, infligida por várias sujeições militares⁴, coube-lhe o papel de coadjuvante no cenário político europeu, valendo-se do jogo diplomático de alianças matrimoniais entre nobres⁵, já que mantinha a linhagem mais antiga que descendia do antigo Sacro Império Romano-Germânico (962-1806). O “espírito alemão” dos Habsburgos foi uma “compensação imaginária” (GAGLIARDI; REDONDO, 2020) ao domínio francês.

Em concorrência com outras forças expansionistas, o Império Austríaco não deixou de lutar no plano das narrativas, no mesmo movimento dos impérios inimigos da Europa, compondo sua própria bibliografia de nações distantes, de lugares que despertavam algum interesse econômico. Em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said, observamos vários gêneros do discurso que funcionaram no campo das letras⁶ tanto como imposição das perspectivas etnocêntricas dos europeus, na descrição destas populações em contato, quanto na redefinição de suas próprias culturas:

regeneração da Europa pela Ásia – era uma ideia romântica muito influente. Friedrich Schlegel e Novalis, por exemplo, insistiam que se seus conterrâneos, e os europeus em geral, realizassem um estudo detalhado da Índia porque, diziam, a cultura e a religião indiana é que podiam derrotar o materialismo e o mecanicismo (e republicanismo) da cultura ocidental (SAID, 2007, p. 168).

³ Transcrição nossa.

⁴ Não conseguiu submeter completamente a Boêmia e a Hungria, e também foi vencido pelo Império Prussiano (1701-1918) na Guerra das Sete Semanas (1866).

⁵ Não podemos deixar de lembrar o casamento que aproximou a Coroa portuguesa e o Império austríaco, entre o filho do monarca português D. João VI e a arquiduquesa da Áustria, Carolina Josefa Leopoldina de Habsburgo-Lorena, com diversas negociações, bem como a Expedição Literária ao Brasil (1818-1819) lideradas “por Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), o início de uma série de expedições que tiveram seus interesses garantidos por aquilo que elas poderiam ofertar de conhecimento científico ao território tão ‘ignoto’” (MALTEZ, 2018, p. 15).

⁶ No contexto brasileiro do século XIX o campo das letras abarca um número de textos diversos, não tínhamos uma divisão tão explícita entre textos propriamente literários e não-literários.

Dos efeitos suscitados pelos embates das narrativas⁷ no século XIX, acreditamos ser menos difícil enxergar na narrativa do relato de viagem e na historiografia literária figuras retóricas como “nativismo”, “romantismo”, “meios espirituais”, “literatura nacional” e “gênio”, termos que submetem populações diversas à lógica de suas necessidades políticas, voltando-se agora estas ferramentas ideológicas à América do Sul.

Antes de abordarmos a *História da Literatura Nacional Brasileira* (1862), exploraremos, em ação mais direta daquilo que foi um desejo expansionista do Império Austríaco, o empreendimento da Expedição Novara (1857-1859) que esteve no Rio de Janeiro.

A expansão das ciências e da migração no relato de viagem

Em breve leitura do capítulo “V. Rio de Janeiro”, do relato de viagem *Narrative circumnavigation of the globe by the Austrian frigate Novara* (1861), de Karl Scherzer (1821-1903)⁸, dois tópicos demonstram a atuação particular do Império Austríaco: a efetiva colonização no aspecto cultural, cabendo aqui as delegações expedicionárias com seus resultados; e o assentamento de colonos alemães, pré-figurando o embate entre o imigrante alemão *versus* o elemento nacional.

Primeiramente, é importante reconhecer o naturalista. Este agente esteve à frente da recolonização europeia das antigas colônias portuguesas e espanholas na América, no momento em que os conhecimentos científicos eram também os interesses dos Estados europeus, nesta nova ordem expansionista. Como consequência da ação cultural e política, a “vanguarda capitalista” formulou narrativas de viagem que reproduziam a síntese expedicionária de um grande grupo de cientistas⁹.

Por isso, importa refletir na escrita de Scherzer a presença dos viajantes alemães no Brasil, o que podemos verificar nesta passagem:

After so brief a sojourn as ours, we can hardly offer more to the reader than a short sketch of our own few experiences, and some remarks regarding the alterations which took place in the appearance of the city and in its social and political condition, since the period when Martins and Spix, Rugendas, Prince Neuwied, Helmreich, Natterer, Pohl, d'Orbigny, Wilkes, Castelnau, Burmeister, and others visited Brazil, and so accurately delineated it both by pen and pencil (SCHERZER, 1861, p. 122)¹⁰.

⁷Sobre o embate das narrativas podemos mencionar Said (1995): “as histórias estão no cerne daquilo que dizem os explorados e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles” (p. 13).

⁸ Karl Ritter von Scherzer produziu outros relatos de viagem: *Viagens na América do Norte durante 1852 e 1853* (1854), escrito com Moritz Friedrich Wagner (1813-1887); *Viagens através dos estados centro americanos de Nicarágua, Honduras e San Salvador* (1857).

⁹ Sobre o que se chamou a incursão neocolonial: “é tanto pressuposta quanto estabelecida por muitos dos escritores-viajantes do período do pós-independência na América hispânica. Eu o chamo de vanguarda capitalista. Longe de mistificar os planos expansionistas europeus em seus escritos, a vanguarda capitalista tendia a discuti-los – na verdade, a consagrá-los” (PRATT, 1999, p. 255).

¹⁰ “Depois de uma estada tão breve como a nossa, dificilmente podemos oferecer mais ao leitor do que um breve esboço de nossas próprias experiências, e algumas observações sobre as alterações ocorridas na

Além dos autores que constam no corpo do texto, outros três naturalistas são mencionados em nota: Frederick Sello (1789-1831), Fritz Müller (1821-1897) e Karl von Engler (1800-1855). Dos quatorze nomes que “delinearam” o Brasil “com tanta precisão” apenas três não se originam da Federação Germânica (1815-1866), associação política e econômica que sucede, de certa forma, o Sacro Império Romano-Germânico (962-1806). Alcide d’Orbigny (1802-1857) e Francis de Laporte de Castelnau (1810-1880) foram exploradores franceses, Charles Wilkes (1798-1877), um militar explorador estadunidense, já os demais eram de origem bávara, austríaca, prussiana ou originários da Renânia-Palatinado.

Como destaque mais saliente do olhar que percebe “as alterações ocorridas na aparência da cidade e em seu aspecto social e condição política”, não podemos deixar de relacionar com o que afirmou Eric J. Hobsbawm, quando referiu sobre duas contribuições que foram propulsoras para a constituição do marxismo, a sistemática teórica dedutiva de economia política, advinda dos racionalistas dos séculos XVII e XVIII, e, a descoberta da evolução histórica “intimamente ligada ao romantismo” (HOBSBAWM, 1994, p. 307). É principalmente nesta segunda contribuição que espreitamos a visão do viajante ao tratar do tema social brasileiro, com relevância na presença alemã no “desenvolvimento” local.

Comparando a cidade do Rio de Janeiro com o grupo de cidades de origem alemã, percebemos a fixação do emigrante:

When, the evening after our arrival, we gazed out upon the brilliantly-illuminated city that lay before us, we could not help thinking there must be some festive occasion for such a flood of light, ignorant as Nassau, Darmstadt, Ingelheim, Bingen, the Palatinate and Switzerland, as the emigrants, in fond commemoration of their native homes, call their small settlements, which run some distance through the mountain valleys (SCHERZER, 1861, p. 164-165)¹¹.

A colônia alemã da cidade de Petrópolis foi uma das primeiras experiências da política de imigração do Governo brasileiro. E na perspectiva do viajante, um empreendimento obtido por meio da pressão internacional, principalmente da Inglaterra pelo fim do tráfico de pessoas negras escravizadas¹². Conquanto, exaltar os austríacos nesta marcha “civilizatória” é lembrar os esforços do Império Austríaco ao lado do Governo britânico, como agentes influenciadores de políticas internacionais:

Petrópolis is, however, not an agricultural colony in the real sense of the word, the majority of the 2500 Germans settled there obtaining a livelihood as artisans and labourers. The Government has done much to

aparência da cidade e em seu aspecto social e condição política, desde o período em que Martius e Spix, Rugendas, Prince Neuwied, Helmreichen, Natterer, Pohl, d’Orbigny, Wilkes, Castelnau, Burmeister e outros que visitaram o Brasil e delinearão-o com tanta precisão a lápis e a caneta”. (Tradução nossa)

¹¹ “Quando, à noite após a nossa chegada, contemplamos as luzes brilhantes da cidade que estava diante de nós, não poderíamos deixar de pensar que deve ser uma ocasião festiva para tal inundação de luz, tão importante quanto Nassau, Darmstadt, Ingelheim, Bingen o Palatinado e a Suíça, como os emigrantes, em comemoração ao fundo de suas casas nativas, chamem seus pequenos assentamentos, que funcionam alguma distância pelos vales das montanhas”. (Tradução nossa)

¹² “as the celebrated declaration by the Congress of Vienna termed the entire suppression of the slave *Voyage of the Novara*. trade, may be considered by this circumstance approaching its termination” [conforme a celebrada declaração do Congresso de Viena denominou toda a supressão do comércio escravo pode ser considerado, por esta circunstância, aproximado de seu término] (SCHERZER, 1861, p. 168). (Tradução nossa)

promote the growth of the colony, by making roads and establishing schools (SCHERZER, 1861, p. 165)¹³.

Depois de citar as tentativas frustradas do Governo brasileiro na substituição da mão de obra escravizada pelos *coolies*¹⁴ chineses, nas províncias do Norte do país, vê o modelo de imigração europeia como o mais viável para o desenvolvimento do Estado brasileiro:

The Government pays, therefore, the utmost attention to European immigration; it has agents in Portugal, France, Italy, Belgium, and especially in Germany; and endeavors to organize associations that have for their object the settlement of industrious labourers in the country, and to support colonies already in existence, till they are in a position to maintain themselves (SCHERZER, 1861, p. 168-169)¹⁵.

Mas, no entendimento de Emília Viotti da Costa, todo o esforço do Governo brasileiro estava sujeito ao paradoxo social-econômico, tentando inserir mão-de-obra livre dentro de uma sociedade escravagista: “seu apreço pelo *selfmade man*, não fazia muito sentido numa sociedade em que o trabalho era feito por escravos, as relações humanas se definiam em termos de troca de favores e a mobilidade social dependia da patronagem da elite” (COSTA, 1999, p. 11).

Somado a isso, Evaldo Cabral de Mello (1999, p. 29) verifica que a partir da década de setenta do século XIX a política de transformação do regime de trabalho seria mais efetiva e desigual regionalmente: “a transição do trabalho escravo para o livre na grande lavoura do Império se processou em condições crescentemente dessemelhantes de oferta de mão-de-obra no norte e no sul”.

A atitude de Scherzer (1861, p. 166) foi amenizar os conflitos sociais, defendendo que “the condition of the black population in this country is materially different from that of the United States and the West Indies”¹⁶, mais em dia com o liberalismo do trabalho burguês, atrelando esta aceção à visão evolucionista do “homem”, de forma a naturalizar o embate entre o colono europeu e o elemento nacional:

In Brazil, the conviction is pretty general, that only an emigration *en masse* of white labor can save this splendid country from ruin, though there are individuals who entertain a different opinion, and think - perhaps not altogether without reason - that the energy and industry of European settler might eventually - considering the indolent and the careless

¹³ “Petrópolis não é, no entanto, colônia agrícola no verdadeiro sentido da palavra, a maioria dos 2500 alemães estabeleceu-se lá obtendo um meio de vida como artesãos e trabalhadores. O Governo tem feito muito para promover o crescimento da colônia, construindo estradas e estabelecendo escolas”. (Tradução nossa)

¹⁴ *Coolies* foram famílias de trabalhadores procedentes da China e Índia que migraram para diversas colônias e novos estados dos continentes americanos, sudeste asiático e africano, cumprindo contratos precários de trabalho.

¹⁵ “O governo presta, portanto, a maior atenção à Imigração europeia; tem agentes em Portugal, França, Itália, Bélgica e especialmente na Alemanha; e se esforça para organizar associações que tenham por objetivo o assentamento de trabalho industrioso no país, e para sustentar colônias já existentes, até que estejam em posição de manter a si mesmas”. (Tradução nossa)

¹⁶ “a condição da população negra neste país é materialmente diferente daquela dos Estados Unidos e das Índias Ocidentais”. (Tradução nossa)

disposition of their countrymen – prove destructive to the national element! (SCHERZER, 1861, p. 169)¹⁷.

Entre propor um caminho de inclusão ao trabalho livre das populações marginalizadas, como as populações negras, e a política de imigração de países europeus, o Governo brasileiro vai cedendo ao projeto que Scherzer e que muitos outros viajantes reproduziram em seus discursos: “o desinteresse da grande lavoura cafeeira pelo trabalhador nacional, desinteresse fundado, aliás, em concepções raciais, explica, em grande parte, porque a ação do Governo imperial limitou-se à imigração europeia” (MELLO, 1999, p. 100).

No artigo de Walter Sauer (2012), um bom exemplo da revisão histórica do império austríaco no processo de recolonização europeia ultra-mar, entendemos as políticas multilateral e unilateral entre os países europeus nas expansões marítimas. Esta incursão por terras distantes, guiada por um caráter mais pragmático de império com suas limitações, talvez, corresponda no campo cultural ao esforço “unilateral” do estudioso das letras românicas em constituir uma historiografia literária brasileira em consonância com o romantismo alemão-austríaco. Materialmente associada à historiografia, a expedição Novara teria conseguido ajudar o programa de Wolf nos estudos culturais sobre o Brasil, com o envio de livros (GAGLIARDI; REDONDO, 2020).

A irrupção cultural na historiografia literária

História da Literatura Nacional Brasileira (1862) começa relacionando o desenvolvimento da cultura e da literatura da América, e em específico o Brasil, à Europa moderna:

A história do desenvolvimento da cultura e da literatura *do Brasil e da América em geral* é, em certa medida, a contraparte da história do desenvolvimento da cultura e da literatura da Europa moderna. Em ambas as porções do mundo esse desenvolvimento foi produto da interação entre uma civilização mais antiga e uma barbaria espontânea [*naturwüchsig*]; mas em relação inversa (WOLF, no prelo)¹⁸.

Na visão de Ferdinand Wolf, a “civilização” europeia do mundo ibérico dos séculos XVI e XVII, em interação com as populações nativas do “novo mundo”, sofreu o mesmo embate entre romanos e “bárbaros”, advindas do Norte da Europa. Entretanto, distintamente do que se deu com os povos germânicos, os povos antigos da América do Sul, com exceção dos “mexicanos e peruanos”, foram subjugados e somente como “raça miscigenada” puderam se expressar na cultura do colonizador. Para contornarmos esta perspectiva do autor nos aproximamos da “Idade Média Latina”, sobre a qual Ernst Robert Curtius (1996, p. 57) traça a seguinte avaliação no choque das culturas: “A invasão dos germanos e a dos árabes na fase final do Mundo Antigo são fenômenos paralelos – com

¹⁷ “No Brasil, a convicção é bem geral, que apenas uma emigração em massa de mão de obra branca pode salvar este esplêndido país – da ruína, embora haja indivíduos que nutrem uma opinião diferente e pense – talvez não totalmente sem razão – que a energia e a indústria dos colonos europeus podem eventualmente – considerando os indolentes e a disposição descuidada de seus compatriotas – revelar-se destrutiva ao elemento nacional!”. (Tradução nossa)

¹⁸ As citações escolhidas levam tanto as correções de Wolf entre asteriscos como expressões da tradutora em alemão entre colchetes.

uma diferença fundamental: os germanos assimilaram-se, os árabes não. A força ofensiva dos árabes sobrepujava a dos germanos”. Oferecido este contraponto, inferimos o quanto Wolf estava comprometido em resguardar o “espírito alemão”, condicionado a uma espécie de retomada do Império Romano do Ocidente (286-476 d. C.), agora “rejuvenescida” pelos povos germânicos. Com isso, refletimos também como Georg W. F. Hegel (1770-1831) oferece, numa visão ocidental, aquilo que se chamou “transmigração das almas” entre os povos, num processo “natural” que “ressurge das cinzas da sua figura anterior como um espírito mais puro” (HEGEL, 1995, p. 37), dando continuidade a uma tradição revista.

Mais à frente, Wolf salienta que o processo cultural da América resultou “menos orgânico e original”. O “indígena”, sem contribuir na formação cultural, foi, ao lado da “natureza inculta”, aterrorizador para “os colonizadores e colonos civilizados” (no prelo). E seguindo num movimento comparativo entre o surgimento das literaturas, expõe um fundo filosófico de gênese:

Por outro lado, as tribos indígenas não tinham a capacidade de formação [*Bildungsfähigkeit*] das tribos germânicas e não contribuíram, como estas últimas, com novos e frescos elementos culturais que fizessem avançar o autodesenvolvimento orgânico, elementos dos quais, apesar da influência de uma civilização superior, poderia emergir uma cultura particular [*eigentlich*] e uma literatura original (WOLF, no prelo).

É por trás destas terminologias que Gagliardi e Redondo (2020) reveem o sentido de palavras que foram subvertidas na tradução francesa¹⁹, versão utilizada pelo Colégio Dom Pedro II e depois base para a primeira tradução do português²⁰. Termos como “particular” derivam do idealismo clássico alemão e combatem o caráter universalista do iluminismo francês.

Contextualizando os processos da tradição historiográfica brasileira, Antonio Candido (2000, p. 11) entende que o nacionalismo literário deu seus primeiros passos durante o século XVIII: “o movimento arcádico significou, no Brasil, incorporação da atividade intelectual aos padrões europeus tradicionais, ou seja, a um sistema expressivo, segundo o qual se havia forjado a literatura do Ocidente”. E como se sabe, a incorporação intelectual dos padrões europeus não se restringiu somente ao arcadismo, em “Literatura e subdesenvolvimento” se dimensiona o quanto envolto de “anacronismo, degradação e confusão de valores” (Candido, 1989, p. 149) esteve o campo literário brasileiro durante estes influxos culturais da Europa sobre a América Latina.

Percebemos em outro capítulo da historiografia, “5ª Época; do ano de 1840 até o presente”, do texto de Wolf, o embate estético e político da Europa entre os séculos XVIII e XIX, reforçando a importância da cultura alemã sobre os caminhos literários, utilizando termos colonizadores como “princípio popular” e “espontaneidade natural”:

A Europa havia sido não só politicamente rejuvenescida pelo batismo de sangue da Revolução Francesa, como também espiritualmente, pela confirmação do princípio popular [*volkstümlich*], pela consolidação da crença na espontaneidade natural [*naturwüchsig*], nacional, vindas da Alemanha (WOLF, no prelo).

¹⁹ A versão francesa: WOLF, Ferdinand. *Le Brésil littéraire: Histoire de la littérature brésilienne suivie d'un Choix de morceaux tirés de meilleurs auteurs brésiliens*. Berlin: Asher & Co, 1863.

²⁰ A tradução, prefácio e notas de Jamil Almansur Haddad: WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário (história da literatura brasileira)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

O desenvolvimento espontâneo do gênero poesia no romantismo, estritamente vinculado à “tradição popular”, seria uma resposta de libertação à poesia “pseudo-classicista” do iluminismo francês. Wolf reconhece que somente por meio da língua francesa o romantismo alemão pode se espalhar pelo mundo, mas, numa variação distorcida do que seria o verdadeiro romantismo, aquele que teria surgido, aliás, em contraponto às “ideias racionalistas”.

Logo, o nativismo arcádico do Brasil sob a estética Neoclássica é inferiorizado, por sofrer “dependência espiritual”. Somente com o Romantismo (alemão) a literatura brasileira poderia ganhar “consciência histórica de fato”:

Esse desencadeamento se espalhou pela Europa ao mesmo tempo em que as relações antes mencionadas, tão favoráveis à literatura nacional brasileira, estavam ocorrendo, e assim o Romantismo uniu-se ao Nativismo, que já havia se tornado uma potência no Brasil, da maneira mais feliz possível. Mas essa união era ainda mais necessária para o Nativismo, para que ele se tornasse um elemento poético e fornecesse uma base positiva, pois até aqui ele só se anunciava muito negativamente, como antagonista da dependência política em relação à metrópole europeia, sem se tornar livre da dependência espiritual por inteiro, sem poder desenvolver uma consciência histórica de fato [*eigentlich*], ou seja, fundamentada numa história autônoma, já que ele teve de fazer do período mais recente, desde a proclamação da Independência, a continuação do período pré-histórico, que precedeu a conquista e a colonização, para poder legitimar seu princípio (WOLF, no prelo).

Contudo, interessa pensar como a criação da personagem “nativa” na literatura foi se tornando uma obsessão e como sua imagem foi aos poucos sendo moldada ao gosto do modelo político, em que nos referimos à mobilização de um imaginário construído por diversos agentes culturais estrangeiros em convivência com agentes culturais nacionais.

Em termos de sondagem das entrelinhas do texto de Wolf, podemos citar o texto historiográfico de Ferdinand Denis em sua visão romântica francesa, no sentido de explorar as intenções do imperialismo francês e seu lastro cultural de oposição ao inglês:

Verdadeiro notável é, porém, a influência que nossa literatura exerce presentemente sobre a dos brasileiros. Orgulham-se dos autores que fixaram a sua língua; mas leem os poetas franceses, conhecendo-os a quase todos. O papel que nos cabe desempenhar nesse país é ainda muito belo, e se os ingleses têm, mais que nós, a influência comercial que em toda a parte caracteriza sua atividade, devemos nos contentar em ver uma nação brilhante de juventude e de engenho afeiçoar-se às nossas produções literárias, por causa destas modificar suas próprias produções, e estreitar por meio dos liames espirituais os que devem existir na ordem política (DENIS, 2018, p. 355).

Em resposta a este quadro político e cultural de imposição do imperialismo francês e inglês é que Wolf vai exaltar o traço cultural que mais marcou a presença alemã: o romantismo. Porém, o *Resumo da história literária de Portugal seguido do resumo da história literária do Brasil* (1825), de Denis, seria o manual de orientação dos grandes escritores do romantismo brasileiro. Já desprovida da carga ideológica do romantismo alemão, a construção da figura do nativo corre no caminho de uma amena ancestralidade, da qual procurou valer-se D. Pedro II na construção de sua própria imagem de monarca

(SCHWARCZ, 1998), tornando-se excluída a fórmula idealista da personagem “nativista” de Wolf:

Agora, porém, depois de o Nativismo ter apreendido o modo e a legitimidade de ideias com o Romantismo, depois do desenvolvimento interno ter progredido a ponto de proporcionar os meios espirituais [geistige Mittel] para a realização desse princípio, e assim possibilitar uma verdadeira literatura nacional, seria necessário apenas um protagonista genial para dar a vitória a esse princípio, para encarnar o que estava no ar, por assim dizer, para expressar o que estava nos lábios de todos, para, uma vez que o espírito [Geist] se tornou livre, moldar livremente também a forma de sua manifestação [Erscheinung], em suma, para se tornar *o homem da época* (WOLF, no prelo).

A chegada tardia e em francês da historiografia de Wolf incide pouco sobre as discussões literárias da década de sessenta, exaltando apenas aqueles que representavam o grupo de escritores ligados ao Imperador, atenuando as variações ou mesmo a transformação do paradigma da personagem nacional. O debate nativista centrado na figura do indígena que já sofria questionamentos passou a buscar um personagem de maior representação nacional, a figura do “mestiço” como símbolo maior da população brasileira.

Por fim, compreendemos que as irrupções às literaturas estrangeiras foram sempre uma obsessão de Wolf e certamente do posto institucional que ocupava, não somente na Biblioteca de Viena, mas como membro de várias academias de ciências e artes (BEER, 1898). *Historia de las literaturas castellana y portuguesa*²¹, entre outros trabalhos, estão entre seus estudos das literaturas romanistas.

Considerações Finais

O discurso imperialista austríaco do relato de viagem e da historiografia literária tivera êxitos distintos em suas imposições colonizadoras.

A política de migração do Império Austro-Húngaro (1867-1918)²², reconhecida por sua tradição diplomática, foi cada vez mais solidificando a ideia de promover bons contratos de imigração entre as partes envolvidas. Um representante da Sociedade Colonizadora alemã chega a expor no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* uma carta resposta àqueles que se opunham à imigração alemã: “no que diz respeito ao Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, pode-se desde já afirmar que o elemento alemão tem cooperado na sua grandeza e progresso” (FABRI, 1890). E, em específico das populações austríacas, fixou-se o imaginário de Brasil “ignoto”:

O Brasil era, para todos eles, uma terra incógnita; porém graças a numerosos relatos de viagem, imaginavam que apresentasse uma alteridade exótica e erótica. As palavras de Wenger refletem um sentimento de superioridade européia; a ideia de uma existência de

²¹ Versão original no alemão: **Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur**. Berlin: A. Asher & Co., 1859.

²² O Império Austríaco passou a ter nova denominação após uma série de eventos políticos e militares que permitiu aos húngaros maior representatividade dentro do Estado. Lembrando que Ferdinand Wolf morreu antes desta mudança política.

proprietário, digna dos feácios, com poder e autoridade sobre grupos de povos oprimidos, deveria compensar o opróbrio sofrido pela derrota na Grande Guerra (PRUTSCH, sem data, p. 1).

Ursula Prutsch comenta a expectativa de Friedrich Wenger²³, na sua narrativa de memórias. Após a dissolução do Império Austro-Húngaro e com o fim da primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Brasil aparece como uma possibilidade real de migração. Números da autora confirmam a expansão ultramar já na segunda metade do XIX: “De um total de 3,5 milhões de emigrantes que saíram da Áustria-Hungria para ultramar entre 1876 e 1910, aproximadamente 64.540 foram para o Brasil, dos quais 55.860 eram oriundos da metade austríaca do império” (PRUTSCH, sem data, p. 2).

Em paralelo, a historiografia literária de Wolf foi introduzida nos estudos literários do Colégio D. Pedro II, mas, com a instauração da Primeira República (1889-1930) e com ascensão do Realismo-Naturalista no campo estético, ela não alcançou o lugar almejado. Separamos a crítica de Sílvio Romero: “feito às pressas, não tem vistas teóricas; é um produto artificial e diplomático. O tom geral e ditirâmico, e, entre outros, os exageros sobre o merecimento de seu principal inspirador Gonçalves de Magalhães, nos provocam hoje riso” (ROMERO, 1888, p. 6).

O comentário do crítico literário e primeiro brasileiro a compor uma historiografia literária com as “Novas ideias”²⁴ que, segundo ele próprio, despontaram primeiro na Escola de Recife, foi determinante para a exclusão da obra historiográfica de Wolf dos estudos literários posteriores.

Cabe um comentário a respeito de como as duas obras estão calcadas no discurso racial do século XIX europeu. Se por um lado a historiografia literária de Wolf buscou um elo perdido na tradição brasileira, ligada às populações autóctones “tribos indígenas”, por outro enaltece o caso da formação social alemã “tribos germânicas”. Sob este prisma, que se pode entender a depreciação do “elemento nacional” em contraste com o “imigrante alemão” no relato de Scherzer, já numa leitura mais liberal das ideias darwinistas de Herbert Spencer (1820-1903) que vigorou naquela famosa expressão “sobrevivência do mais apto”.

Dessa maneira, os esforços empreendidos pelos autores do Império Austríaco na construção do campo político-estético do Brasil oitocentista têm suas particularidades tanto no que foi feito nas políticas de imigração para a composição de uma população europeia na América do Sul como no que foi traduzido no campo literário para uma tradição da personagem nacional. Scherzer via no presente a ação direta de uma política nacional que simpatizava pelos alemães “laboriosos”, enquanto Wolf procurou no passado a construção de uma tradição em comparação dos povos germânicos, percorrendo disto uma posição colonizadora distinta das demais da época.

Referências

ANDERSON, P. **Linhagens do Estado absolutista**. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 2004.

²³ Ex-oficial combatente da Primeira Guerra Mundial do exército austro-húngaro (PRUTSCH, sem data, p.1).

²⁴ As “Novas ideias” foram pensamentos acadêmicos que rebateram “o velho romantismo teórico e metafísico” (ROMERO, 2002, p. 128).

BEER, R. “Ferdinand Wolf”. In: **Allgemeine deutsche Biographie**, v. 43, Leipzig, 1898, pp. 729-737.

CANDIDO, A. **Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 2000.

CÉSAR, G. “Introdução”. In: **Historiadores e críticos do romantismo – 1: a contribuição européia, crítica e história literária**. Org. Guilhermino César. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

COSTA, E. da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CURTIUS, E. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Editora Hucitec/EUDSP, 1996.

DENIS, F. **Resumo da história literária de Portugal seguido do resumo da história literária do Brasil**. Tradução Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018.

FABRI, C. “A imigração para o Brasil”. **Jornal do Comércio** (RJ), 24 de julho de 1890. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_08&pesq=imigra%C3%A7%C3%A3o%20alem%C3%A3o&pasta=ano%20189&pagfis=1465. Acesso em: 10 jan. 2020.

GAGLIARDI, L. **“O Brasil literário” (1863) de Ferdinand Wolf**. História literária e ideologia no século XIX. 2019. Tese (Doutorado em teoria literária – línguas neolatinas) pela Universidade Livre de Berlim.

GAGLIARDI, L.; REDONDO, T. **História literária e ideologia no século XIX**. Bloco 4: Colonização e invenção da nacionalidade. Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeira e Tradução/ 1º semestre de 2020. Disponível em: <http://eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=13766>. Acesso em: 02 jan. 2020.

HEGEL, G. W. F. **A razão na história**. Lisboa: Edições 70, 1995.

HOBBSBAUM, E. J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Tradução Maria Tereza Lopes Texeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MALTEZ, J F. O. **A Amazônia da ficção de José Veríssimo e Inglês de Sousa**. 2018. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MELO, C. A história da literatura brasileira “vista de fora” – a contribuição do estrangeiro Ferdinand Wolf (1796-1866). **Ipotesi**, v. 12, n. 1, p. 75-87, jan./jul., 2008.

MELLO, E. de. **O norte agrário e o Império: 1871-1889**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

- PRATT, M. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.
- PRUTSCH, U. **A emigração de austríacos para o Brasil (1876-1938)**. Sem data.
Disponível em:
https://www.bmeia.gv.at/fileadmin/user_upload/Vertretungen/Brasilia/Dokumente/A_e_migracao_de_austriacos_para_o_Brasil.pdf. Acesso em: 08 jan. 2020.
- RICUPERO, B. **O romantismo e a ideia de nação do Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROMERO, S. **História da literatura brasileira**: tomo primeiro (1500-1830). Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888.
- ROMERO, S. **Literatura, história e crítica**. Luiz Antonio Barreto (org.). Rio de Janeiro: Imago Editora; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2002.
- SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, E. W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SALIBA, E. **As utopias românticas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SAUER, W. Habsburg Colonial: Austria-Hungary's Role in European Overseas Expansion Reconsidered. *Austrian Studies*, v. 20, p. 5-23, 2012.
- SCHERZER, K. *Narrative circumnavigation of the globe by the Austrian frigate Novara*. Londres: Sunders, Otley, and C. O., 1861.
- SCHWARCZ, L. **As barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- WOLF, F. **Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur**. Berlín: A. Asher & Co., 1859.
- WOLF, F. **Geschichte der brasilischen Nationalliteratur**. Viena: Österreichische Nationalbibliothek, 1862.
- WOLF, F. **O Brasil literário**: história da literatura brasileira. Tradução Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- WOLF, F. **História da Literatura Nacional Brasileira**. Tradução Laura Rivas Gagliardi. (no prelo).
- WOLF, F. **Historia de las literaturas castellana y portuguesa**. Tradução Miguel de Unamuno. Madrid: La España Moderna, sem ano.